

## **Usos e representações das praças por moradores campinenses de diversas gerações**

Keila Queiroz e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** investigação da memória social dos praticistas e ex praticistas da cidade de Campina Grande tem contribuído para a problematização do esvaziamento físico e simbólico desse espaço urbano para as novas gerações, sobretudo, a partir da década de 90 do século XX. Campina Grande, a partir desta década, por diversas razões materiais e simbólicas, passa por um processo de reconfiguração, no que diz respeito aos laços de pertencimento aos espaços citadinos que tem provocado um esvaziamento e uma marginalização das praças. A construção do shopping center; a tecnologização da vida dos moradores; a adoção de uma experiência temporal fundamentada no tempo dos relógios por parte de crianças e jovens campinenses; a sedução da cultura midiática; a crise do setor comercial; a invenção de uma experiência de lazer e sociabilidade cidadina fundada nos eventos; o desemprego estrutural, bem como a violência urbana, se apresentam a priori como diagnósticos sociais que podem explicar a crise das sensibilidades urbanas e o processo de despertencimento dos moradores aos espaços citadinos em Campina Grande. O uso das fontes orais para a construção da paisagem mental urbana do passado para as gerações do tempo presente tem contribuído para o estímulo a um diálogo intergeracional e a uma releitura do texto cidade afirmadora do direito à memória e ao pertencimento citadino.

**Palavras-chave:** Praças, Memória social, educação intergeracional.

### **1. Introdução**

O presente trabalho trata de uma investigação da memória social dos moradores da cidade de Campina Grande de diversas gerações, tendo como espaço de representação das suas experiências citadinas, as praças do centro da cidade. Campina Grande é uma cidade média com quase 400.000 habitantes que tem uma historicidade tecida por intensas relações de sociabilidade no cotidiano dos espaços urbanos.

Por diversas razões materiais e simbólicas, da década de 90 em diante, esta cidade passa por um processo de reconfiguração, no que diz respeito aos laços de pertencimento aos espaços citadinos que tem provocado um esvaziamento e uma marginalização das praças. A construção do shopping center; a tecnologização da vida dos moradores; a adoção de uma experiência temporal fundamentada no tempo dos

---

<sup>1</sup> Professora de História na Unidade Acadêmica de Educação e no Programa de pós-graduação de História, tutora do PET- EDUCAÇÃO CONEXÕES DE SABERES e líder do grupo de pesquisa Educação Intergeracional, Patrimonial e Ambiental: estudos rurais e urbanos na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: keilaqueirozsilva@gmail.com.

relógios por parte de crianças e jovens campinenses; a sedução da cultura midiática; a crise do setor comercial; a invenção de uma experiência de lazer e sociabilidade cidadina fundada nos eventos; o desemprego estrutural; bem como a violência urbana; se apresentam *a priori* como diagnósticos sociais que podem explicar a crise das sensibilidades urbanas e o processo de despertencimento dos moradores aos espaços citadinos em Campina Grande.

O nosso trabalho como tutora no Programa de Educação Tutorial PET-EDUCAÇÃO CONEXÕES DE SABERES direcionado às comunidades populares urbanas tem investido no protagonismo cidadão dos moradores desta cidade, reconhecendo o espaço urbano como um espaço formativo, para além das escolas. A luta pela cidadania pressupõe um processo de apropriação do texto cidade, no sentido de diagnosticá-la, bem como de escrevê-la com suas experiências singulares de classe social, gênero, raça, etnia e de gerações. Os usos e desusos dos espaços urbanos têm sido objeto de análise do nosso Programa por meio da investigação da memória social dos campinenses tecida a partir das suas relações com as praças do centro da cidade de Campina Grande.

A nossa vinculação ao Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade focada no estudo sobre identidades etárias e gerações, aliada ao nosso processo de investigação sobre cidade, viabilizado pelo Programa de Pós-graduação em História (Mestrado), no qual temos atuado como pesquisadores e orientadores na Linha 1 intitulada Cultura e Cidade, fertilizaram as nossas reflexões acadêmicas sobre memória, cidade e gerações, a ponto de se transformar em uma linha de pesquisa do grupo de pesquisa que criamos em 2013 nomeado de “Educação Intergeracional, Patrimonial e Ambiental na Paraíba: estudos rurais e urbanos.

Fundamentados em uma metodologia de cunho qualitativo, motivados pelo estudo da história das sensibilidades, ao mesmo tempo reconhecendo a cidade como espaço praticado (CERTEAU: 1994) estamos em busca das representações mediadas pelas memórias coletivas afirmadoras das praças como espaços de trabalho, lazer e sociabilidade urbanas, das narrativas de antigos moradores que reconhecem e dão vida a esses espaços, bem como em busca das narrativas dos que desistiram das praças, das gerações que estão desentranhadas do corpo cidadão por terem cedido ao ideário urbano do mundo virtual e da vitrine do shopping, ou por veem no centro da cidade uma cartografia do medo e do mal. Realizaremos também uma pesquisa com documentos escritos em acervos da cidade de Campina Grande. A Educação patrimonial e

intergeracional (SILVA: 2012) será a nossa metodologia interventiva e pedagógica viabilizada pela metodologia da história oral (BOSI: 2003). Para a divulgação das experiências dos moradores de Campina Grande nas escolas e em outros espaços formativos recorreremos à Pedagogia Griô (SILVA: 2012), metodologia esta que reconhece no narrador a figura responsável pela circulação das culturas locais.

A partir da pesquisa exploratória que realizamos com estudantes universitários, percebemos que, de caminantes a navegadores, as novas gerações campinenses demonstram possuir laços frágeis com o passado da cidade, assim como com os espaços de sociabilidade do centro. As nossas experiências com o ensino de história na universidade têm confirmado esse vazio simbólico dos jovens estudantes de Campina Grande com os espaços de sociabilidade não inseridos no shopping center. As praças centrais, por exemplo, têm sido mais frequentadas por homens idosos, que denominamos de narradores do café por se aglomerarem junto ao Café Aurora da Praça da Bandeira para trocarem narrativas sobre a história da cidade, sobretudo no que se refere ao futebol campinense.

Durante o período do chamado Maior São João do Mundo criado em 1983, encontramos os jovens campinenses em número muito significativo no Parque do Povo e nos perguntamos, em que espaços estavam esses jovens durante todo o período não junino? No shopping Center? Nas redes sociais? Em suas casas? Circulamos pelas praças nos finais de semana e não encontramos esses jovens, eles circulam pelas praças quando saem das escolas durante os dias letivos. Ao mesmo tempo, ao conversarmos com os campinenses que viveram sua juventude na cidade nas décadas de 60 e 70, percebemos que as praças do centro da cidade são lugares de memória de suas experiências juvenis, lá eles paqueravam, sentavam nos bancos para tomar sorvete, para namorar, eles iam ao centro com o objetivo de encontrar as pessoas, de se socializarem com os seus pares, eles viviam o tempo lento e livre nas praças.

## **2. Estou na praça, estou sem pressa...**

Na trajetória histórica das praças brasileiras da primeira metade do século XX, conforme ressaltou (CALDEIRA: 2007) as praças representavam o espaço de maior vitalidade urbana. Estas, na condição de espaço de uso coletivo contribuíam para a construção e o fortalecimento dos laços de sociabilidade dos moradores da cidade, a vivência da fruição, dos encontros e desencontros amorosos, bem como do

delineamento das sensibilidades urbanas vigentes. De conformidade com SENETT (1988) a sociedade contemporânea está experienciando um processo de enfraquecimento da vida pública, provocando assim o esvaziamento desses espaços. As praças passam a assumir no imaginário coletivo cidadão a representação de lugar de passagem, inviabilizando a construção da identidade dos moradores fundada na afirmação dos seus laços de sociabilidade e fabricando modelos citadinos individualistas, presos ao tempo dos relógios e consumistas.

Esse projeto trata da investigação do processo de enfraquecimento das experiências de lazer e sociabilidade nas praças campinenses, viabilizada pelos discursos das novas gerações cidadinas, mais especificamente da década de 90 do século XX e da primeira década do século XXI reprodutores de uma concepção técnica e funcional de cidade. Dará visibilidade também, ao processo de afirmação das praças como espaços livres, concepção urbanística esta inspirada nas utopias socialistas francesas, confirmada nos depoimentos dos idosos que viveram sua infância e juventude, tendo as praças como espaço mais desejado para a expressão das suas sensibilidades urbanas.

A partir de uma pesquisa exploratória identificamos vozes de continuidade e vozes de descontinuidade por parte dos jovens e por parte dos idosos. Algumas narrativas reforçam o desuso e o despertencimento dos jovens às praças, outras narrativas e encontros lúdicos e festivos dos jovens nas praças expressam uma apropriação criativa desses espaços, se contrapondo ao apelo midiático ao medo de ocupar os espaços urbanos considerados cartografias do mal.

Vejamos a narrativa do Sr. Miguel, morador de Campina Grande, com 90 anos de idade que em seu depoimento ressaltou o amor à cidade, confirmado na sua trajetória nômade por muitas cidades brasileiras e na identificação de Campina como seu lugar de aconchego e pertencimento. A sua experiência fenomenológica com a Praça da Bandeira, situada no centro da cidade é afirmadora do uso do tempo livre e dos seus laços afetivos e de sociabilidade com outros homens campinenses, ao conversarmos com ele no banco da praça, no domingo pela manhã, ele comentou:

Aqui é o lugar dos velhos conversarem, é aqui e no Calçadão, todo dia eu venho prá cá, nos dois expedientes. Não tenho prá onde ir. Tem o Café Aurora que é uma atração muito grande, a maioria são fumantes.

Dumazedier (1994) conceitua o uso espontâneo e desinstitucionalizado do tempo livre de tempo social ipsativo, a prática do espaço pracista por Sr. Miguel se configura como tal, uma vez que conforme ressaltou Dumazedier:

O tempo social ipsativo cria para a maioria da população, de todas as faixas etárias e de todos os meios, as condições de uma liberação pessoal mais profunda de sensações, sentimentos, desejos, sonhos reprimidos e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea, mais renovada, mais passional a grupos de iguais, de torcedores ou fãs, sob formas cotidianas de participação como espectador ou amador (DUMAZEDIER: 1994, p.49).

Sr. Miguel, assim como a maioria dos homens pracistas campinenses, inventaram um ritual de sociabilidade espontâneo na Praça da Bandeira que é motivado pelas amizades e pelas temáticas da política e do futebol locais. Eles não marcam os encontros, mas seguem uma rotina de dia e horário bem exata, é muito interessante testemunhar a chegada dos pracistas aos domingos, a partir das 9 horas da manhã e a saída a partir das 11h e 30m, de forma absolutamente autônoma, alegre e criativa. É um ritual de afirmação de suas subjetividades, bem como de suas identidades campinenses, porque muitos frequentadores da praça são grandes memorialistas que em suas narrativas constroem as paisagens urbanas pretéritas, em seu lazer do tempo presente.

O lugar social de gênero é um recorte relevante para a construção do uso do tempo social ipsativo, uma vez que as mulheres não fazem parte deste círculo de lazer e sociabilidade. Perguntei a Sr. Miguel os motivos da ausência feminina naquela praça, ele reproduzindo as demarcações de gênero patriarcalistas, comentou veementemente: Aqui não há campo para as mulheres, as mulheres ficam em casa, os assuntos são diferentes da área de mulheres, futebol, política, as mulheres não são integradas aos homens.

Para o entrevistado, a sua representação de mulheres públicas está associada ao imaginário coletivo citadino dos anos 40, 50 e 60 do século XX, que estabelece uma relação intrínseca entre vida pública feminina e prostituição. Ele enfatizou essa sua representação pretérita ao fazer referência ao uso da praça e do entorno do centro por moças de programa, só elas podiam circular por esses espaços públicos, naquela época em Campina Grande, as moças de família não podiam andar pelas ruas, elas viviam o lazer nos cinemas e nos clubes locais. Ao se remeter às mulheres idosas de hoje e as razões de sua ausência nas praças centrais, ele usou os mesmos argumentos do século passado, são mulheres de família. Além disso, ele cristalizou a imagem feminina da

dona de casa desinformada ao dizer que os assuntos tratados pelos homens da praça, como política e futebol não interessam a estas, pois não são assuntos femininos.

Na condição de pesquisadora das subjetividades de idosos campinenses, identifiquei que as mulheres buscam o seu reengajamento social de forma institucionalizada, ingressando em grupos da terceira idade e em projetos de extensão nas universidades, nestes espaços, o índice de homens velhos é reduzido. Os homens idosos campinenses lutam contra o seu isolamento social, recorrendo a formas de sociabilidade espontâneas, não institucionalizadas, de modo a continuarem assegurando a sua performance histórica de um corpo livre e autônomo, não controlado socialmente.

Sr. Antônio, companheiro pracista de Sr. Miguel apresentou outro argumento, quando eu o indaguei a respeito da ausência feminina na praça, ele sustentou o seu discurso na representação do espaço como uma cartografia do medo. Para ele, as mulheres não vêm conversar e se encontrar na praça porque acham perigoso, elas têm medo da violência. O olhar de Sr. Antonio com relação aos corpos femininos, expressa fragilidade, reforçando também os estereótipos de gênero falocráticos.

Bauman (2009) é um sociólogo que deu relevantes contribuições a respeito da vida urbana na contemporaneidade, com ênfase na atmosfera do medo que circunda o cotidiano dos moradores citadinos. Ele denuncia a perda da dimensão comunitária do espaço público como um grave problema social e que tem se materializado por meio da construção de uma arquitetura defensiva, de modo a atender ao medo e à insegurança que tem predominado no imaginário coletivo urbano. Ele recorre, em seu percurso analítico às considerações de uma grande analista das tendências urbanas contemporâneas, Nan Ellin que ressalta que nos últimos 100 anos a cidade se transformou em um lugar que faz pensar mais no perigo que na segurança. Hoje, com uma singular reviravolta em seu papel histórico...nossas cidades, em vez de se constituírem como defesa contra o perigo, são o perigo” (2009)

Sr. Antônio foi um narrador que deu ênfase a essa atmosfera urbana do medo ao falar sobre os usos e usuários da praça. Ele disse “essa praça é uma metamorfose danada, de dia tem os homens e os estudantes que circulam por aqui. À noite, tudo fica perigoso, é ladrão, drogado e um povo com jeito de suspeito, meio gay, travesti, é muito perigoso”. O idoso pracista apresentou a praça noturna como o território dos desclassificados, dos que apresentam ameaça à ordem e à segurança, inclusive relacionando os ladrões aos homossexuais, estigmatizando-os. Ainda inspirado em Ellin, Bauman (2009) salienta que a tendência a retirar-se dos espaços públicos para

refugiar-se em ilhas de uniformidade acaba se transformando no maior obstáculo para viver com a diferença, e desse modo, enfraquece os diálogos e os pactos.

Essa atmosfera do medo e do mal tem atingido o imaginário de todas as gerações de Campina Grande. Ao entrevistar uma jovem que trabalha no centro da cidade, ela apresentou a Praça Clementino Procópio, que fica em frente à Praça da Bandeira, como espaço mais ameaçador à vida dos moradores do centro da cidade. Esta praça tem se configurado mais como espaço de circulação, uma vez que serve de ponto para os transportes urbanos. Raquel relatou que estava esperando o ônibus às 18 horas, quando dois meninos a assediaram por dinheiro, as pessoas que estavam próximas fingiram nada testemunhar, ela se sentiu amedrontada e chocada por estar em um espaço tão movimentado e ao mesmo tempo se sentir tão sozinha diante do perigo. Ela conseguiu se proteger, porque apareceu um senhor que impediu que a mesma fosse agredida fisicamente. A representação da praça como cartografia do medo foi tão determinante para esta jovem que ela decidiu não esperar mais o ônibus no ponto da praça.

Para Manning, apud Bauman, o espaço público corre o risco de se tornar um “espaço inutilizável que restou entre bolsões do espaço privado”, Bauman ainda acrescenta com profundidade:

Nesse espaço árido residual, as interações humanas se reduzem a um conflito entre automóveis e pedestres, possuidores e despossuídos, quer se trate de vender esmolas e vender quinquilharias no sinal, de colisões entre veículos e pedestres indisciplinados, de furtos cometidos quebrando janelas ou de roubo de veículos. Coligando espaços privados e espaços públicos, estão as vitrines das lojas que vendem bens de consumo, ou seja, elaborados mecanismos defensivos destinados a manter as pessoas afastadas: portarias, muros, *razor wire*, cercas eletrificadas (2009, p. 72).

A diversidade de usos, representações e apropriações das praças nos incentivou a aprofundar a leitura do texto cidade inspirados nas lentes certeunianas (1994), que considera a cidade um texto polissêmico e nos convida a investigar as artes de fazer dos usuários da urbs. Instigou-nos também a combater as práticas discursivas e imagéticas que nos remetem à crença em uma cidade do pensamento único (ARANTES: 2011), do olhar geométrico e panóptico sobre o espaço urbano, invisibilizando as outras cidades reinventadas pelos moradores que não se renderam ao olhar urbanista funcionalista. Fomos ao encontro das diferentes subjetividades e representações cidadinas dos moradores campinenses de diversas gerações, na sua relação cotidiana com as praças do

centro da cidade, seja esta vivenciada como espaço de fruição e uso do tempo lento e livre, ou como espaço de circulação de pedestres apressados.

A investigação dos usos e representações das praças centrais de Campina Grande requer recortes de classe social, gênero e gerações. A terceira praça objeto da nossa pesquisa é denominada pelas tribos jovens que a frequentam diariamente, de Praça da Morgação, o nome oficial da praça é Coronel Antonio Pessoa. As práticas desse espaço são materializadas predominantemente por jovens estudantes de cursinho pré-vestibular, cursos profissionalizantes e alunos de uma faculdade particular, todas essas instituições educacionais ficam situadas em torno da praça.

Os jovens frequentadores da praça são de classe média com idade entre 16 e 23 anos. Toda noite, após o término das aulas estes se reúnem na praça e têm as suas pulsões juvenis estimuladas pela música com ritmos estridentes, criando uma atmosfera de poluição sonora para a vizinhança, que vai de encontro ao nome Praça da Morgação. Entre os ritmos de forró estilizado e ritmos do chamado paredão, regado a churrasquinho na brasa, os jovens estudantes campinenses inventam uma ritualística de lazer e sociabilidade diária, esquecendo a atmosfera das paisagens do medo presente na cidade contemporânea. Ao mesmo tempo, que identificamos uma valorização do espaço por meio dessa vivência espacial, percebemos também uma atitude de indiferença com relação aos moradores citadinos que não estão na praça, já que o som das músicas é altíssimo, ferindo os tímpanos dos vizinhos, bem como a lei do silêncio.

Ortega (2006) ao tratar das culturas jovens contemporâneas se remete a um conceito bastante relevante, o indivíduo somático, este modelo comportamental é indiferente ao outro, é narcisista, trata-se de:

Um indivíduo frágil, inseguro e insensível para o outro, para quem o controle e a regulação substituem a reciprocidade e a transformação. O *self* superficial, paranoico e melindroso tem uma única maneira de escapar da tirania da aparência: igualando-se, conformando-se à norma. Somente sendo idênticos à norma é que podemos nos esconder. A adaptação, a obediência e a identificação com a norma é o refúgio do eu que fez de sua aparência a essência. Queremos ser iguais para nos protegermos, nos escondermos. Ou somos idênticos, ou nos denunciemos (ORTEGA: 2006, p. 48).

O referido autor, em seu artigo fala da passagem das utopias sociais para as utopias corporais neste novo século, ele apresenta como utopia dos jovens



contemporâneos, o corpo ideal. A cultura das tribos tem sido intensificada no cotidiano das cidades, em Campina Grande, uma cidade média paraibana, isso não tem sido diferente. A mídia como maior meio formativo tem reproduzido as utopias corporais influenciando as subjetividades contemporâneas de todas as gerações. Assim como a Praça da Bandeira aos domingos, no turno da manhã é um território das tribos masculinas e idosas de Campina Grande de classe média e alta, a Praça da Morgação é um território dos jovens estudantes de classe média no turno da noite, a partir das 21 horas. Os espaços públicos de lazer e sociabilidade são praticados de modo a afirmar as fronteiras de cada tribo urbana, intensificando uma cultura de guetos de gênero, de classe e etária.

A Praça do Abrigo Maringá, ou seja, Clementino Procópio é um território dos desclassificados da cidade. As outras gerações de classe média e alta são transeuntes que caminham por lá contagiados pelo medo. Para Senett:

Hoje, à medida que a experiência corporal cria guetos individuais, o medo do contato que deu origem ao isolamento dos judeus no Renascimento ganhou força na sociedade moderna, em que os indivíduos criam guetos em suas experiências corporais quando confrontados com a diversidade. O novo ambiente urbano converteu as descobertas de Harvey em uma tríade de velocidade, fuga e passividade (2008, p. 368).

Estar na praça em tempos sombrios, do medo e do mal significa estar na contramão da cultura da velocidade, das ruas e espaços públicos como espaços de circulação e não de pouso. Os moradores que ainda têm um vínculo com o espaço citadino ousam assumir a condição de caminhantes e usufruidores do tempo lento, os jovens campinenses de classe média e classe alta, em sua maioria veem o shopping center como alternativa mais sedutora e mais segura do que o centro da cidade real. Os cinemas estão todos localizados dentro do Shopping, da década de 90 para cá, todos os cinemas localizados no centro foram destruídos.

Em meio a este cenário de marginalização do centro, os campinenses considerados do bem e civilizados, que constroem experiências de lazer e sociabilidade nas praças centrais são moradores que estão reinventando os espaços públicos da cidade, bem como as suas representações, sobretudo as reproduzidas pelas tribos juvenis locais. Os idosos, com os quais conversamos na Praça da Bandeira não apresentam nenhum relato de experiência com o shopping center, na escrita do texto cidade

assumida por esses moradores antigos, os registros de memória se direcionam para a cartografia do centro da cidade. Outra experiência etária que vai de encontro a esse processo de desistência da relação com os espaços públicos centrais campinenses, trata-se do ritual de crianças que costuma ir à Praça da Bandeira para jogar milho para os pombos que vivem lá. Todo final de semana, os familiares levam as suas crianças para a Praça da Bandeira com o objetivo de diverti-los jogando milho para os pombos. Como consequência desse costume lúdico de diversas décadas na cidade, a referida praça passou a ser denominada de Praça dos Pombos.

### **3. Considerações Finais**

Investigar os usos e representações das praças centrais campinenses delineadas por moradores de diversas gerações se configurou como uma forma de contribuir para o estudo da história e da geografia local, com foco nos espaços públicos, bem como uma oportunidade de pluralizar o olhar sobre a cidade, dando visibilidade aos diversos modos de usar e representar as praças campinenses.

Cartografar as sensibilidades urbanas campinenses do passado e do presente com ênfase no recorte geracional permitiu a construção de um diagnóstico dos motivos que levam as novas gerações a desistir das praças de Campina Grande, assim como da capacidade de resistência coletiva dos moradores de diversas gerações que preservam a sua relação com os espaços públicos citadinos, mais especificamente, as praças centrais.

A ampliação das pesquisas que temos realizado por meio do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade- PIATI sobre gerações e relações intergeracionais, investindo em uma educação intergeracional, patrimonial e socioambiental tem sido possível por meio das narrativas dos idosos citadinos referentes às suas experiências de infância e juventude tecidas nas praças campinenses compartilhadas com crianças e jovens da atualidade nas escolas, nas redes sociais e em outros espaços formativos urbanos.

Consideramos também de extrema relevância, a metodologia de pesquisa da história oral por reconhecer os narradores da cidade como patrimônio vivo local viabilizador da reconciliação das novas gerações presentistas e imediatistas da sociedade de consumo com o seu passado e com os seus espaços citadinos. A nossa pesquisa também teve uma dimensão social e política bem significativa por denunciar o descaso e o desinvestimento dos poderes públicos locais com os espaços de lazer e

sociabilidade da cidade de Campina Grande, bem como o hiperinvestimento em uma cultura de eventos festivos e também por problematizar o processo de marginalização que tem se materializado nos centros da cidade das metrópoles e das cidades médias da década de 90 para cá, após a substituição da vitrine urbana pelos shoppings centers.

O estímulo do direito à memória e do direito à cidade por parte dos moradores de Campina Grande tem na figura do griô ( contador de histórias) o suporte e a legitimidade para tal, uma vez que suas narrativas viabilizam a reconstrução de nosso imaginário coletivo cidadão. Os griôs das praças campinenses se apresentam para nós pesquisadores, como educadores das sensibilidades urbanas por narrarem histórias com a cidade de Campina Grande que provocam a construção de um mapa mental da cidade às novas gerações que liam esse texto como algo vazio do ponto de vista simbólico. O preenchimento do vazio simbólico referente às representações dos jovens e das crianças campinenses será possível por meio daqueles que fazem o sangue da cidade circular, por aqueles que amaram, riram, choraram, paqueraram, trabalharam que fizeram um uso fenomenológico do centro de Campina Grande, que tiveram as suas sensibilidades tecidas nos bancos das praças, por caminhantes que pisavam cotidianamente naquele chão e davam sentido ao ser urbano e ao viver e conviver urbano.

Vale ressaltar, enfim, que os estudos historiográficos sobre cidade no Brasil se restringiram ao século XIX, quando delimitaram o século XX, foi direcionado à primeira metade deste século. A temporalidade referente à segunda metade do século XX e primeira metade do século XXI também tem sido pouco enfrentada nas demarcações temporais dos historiadores brasileiros resistentes a uma história mais recente como objeto de investigação. A nossa pesquisa tem dado visibilidade às tramas históricas cidadinas do século XX, bem como às tramas históricas do século XXI, configurando também uma análise histórica do tempo presente. Esse entrelaçamento de experiências cidadinas do passado e do presente contribuirá para o investimento em uma história viva, consubstanciada na educação intergeracional por meio das oficinas de memória com a presença de idosos e jovens em diversos espaços formativos cidadinos.

O aprofundamento do conceito de tempo lento proposto por Milton Santos (2006), bem como do tempo livre trabalhado por Dumazedier (1994) representou também uma significativa contribuição para a análise das mutações urbanas focada na categoria tempo e sua repercussão nos diversos usos e representações dos espaços cidadinos.

## **Referências**

ARANTES, Otília et al. (org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALDEIRA, Júnia Marques. *A Praça Brasileira: trajetória de um espaço urbano, origem e modernidade*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ:

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Nobel: SESC, 1994.

ORTEGA, Francisco. *Das utopias sociais às utopias corporais*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, Fernanda Eugenio(orgs.) . **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SENETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

SILVA, Keila Queiroz e. **Face a face com os populares: dobrando subjetividades cidadinas**. Realize: Campina Grande, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: UNESP, 2005.